A JUVENTUDE PODE BUSCAR A AUTONOMIA DE SUA CIDADANIA OUTRORA ROUBADA?

Marco William Romero[1]

INTRODUÇÃO

Nos últimos meses tenho feito leituras de artigos sobre as questões relacionadas à juventude; procurando compreender em que limiar os jovens se tornaram meros cumpridores de tarefas do contraditório e sufocante mundo "neoliberalizante"; pois tenho encontrado dificuldades em fazer com que percebam a possibilidade de serem construtores da própria história. Eles simplesmente são inseridos em um mundo que se encontra pronto e acabado. Mediante esse contexto, a partir do trabalho de Goulart e Santos (2014), compreendemos que os jovens passam por um processo alienante, onde ser protagonista representa apenas sua inserção no mundo, sem reflexão ativa dos processos vividos por eles.

Desde os anos de 1970 do século passado, discursos implícitos em acordos internacionais deram indícios de que a juventude seria o grupo social com a missão de perpetuar as conquistas econômicas da sociedade capitalista; pois, a sociedade precisa da mão de obra obediente e desprovida de senso crítico para ser inserida no mercado de trabalho; com o intuito de fazer o sistema funcionar. Assim, indo na contramão da lógica neoliberalizante, apresento um pouco da minha prática pedagógica na condução de um projeto de conscientização social e política, sob as luzes dos ensinamentos de Paulo Freire.

Nesse texto apresento também a análise de alguns artigos que recentemente tive a oportunidade de conhecer e me fazem acreditar que é possível devolver para a juventude o papel principal na construção da própria

[1] Pedagogia pela Faculdade de Americana. Diretor Educacional da Prefeitura de Campinas, Campinas, SP. E-mail: marcoromerobr@gmail.com.

história.

ALGUNS ESTUDOS SOBRE O PROTAGONISMO JUVENIL

Na cidade de Americana/São Paulo (SP), existe um trabalho de parceria entre diferentes esferas públicas, que se fundamenta nas escolas enviarem ao plenário da Câmara Municipal seus alunos para serem vereadores por um dia. Entre os anos de 2014 a 2020 lecionei na Escola Estadual (EE) Professor Martinho Rubens Bellucco, em Americana e por 04 anos tive a oportunidade de coordenar o respectivo projeto na escola; nessa comunidade deparei-me com problemas sociais ligados à prostituição e drogas.

A partir das experiências que vivenciei enquanto professor na unidade educacional, pude observar que aqueles jovens não possuíam perspectivas de que as políticas públicas poderiam mudar as condições de vida da comunidade. Assim, estruturamos na escola grupos de estudos com alunos do Ensino Médio Noturno, onde discutiam os problemas vividos e selecionavam falhas nas políticas públicas; bem como, propunham possibilidades de resolução dos problemas apontados. Toda a prática buscou incentivar a consciência de si, as relações de poder e possibilidades de mudanças dos contextos sociais; sendo eles sempre incentivados à utilizar do direito de voz e cobrar mudanças para a região que moram.

Uma hipótese que posso destacar a partir da vivência da minha prática profissional entre 2014 a 2020, está que nesse nicho social muitos alunos possuem baixa estima frente à municipalidade e assim, destaco a possibilidade que isso pode vir a ocorrer em função do distanciamento físico-geográfico que se encontram do centro comercial; aproximadamente 15 quilômetros. Dessa forma, compreendo que seja possível aproximar os significados dessa realidade ao trabalho de Foucalt (2014) no tocante ao adestramento das pessoas.

A construção arquitetônica das cidades sempre esteve ligada aos poderes implícitos nas relações sociais. Não é por acaso que as igrejas,

símbolos do poder de outrora, se localizavam em pontos estratégicos da circulação de notórios da sociedade. Outras composições da concretude de espaços gestados pela arquitetura do poder como: praças, grandes casarões, cinemas, clubes, teatros, entre outros, emergem nessas proximidades para atender aos "cidadãos de bem" donatários do poder (FOUCALT, 2014).

Alógica do discurso capitalista procura deixar a população subserviente aos seus interesses, gerando situações em que as pessoas não percebam os problemas sociais ao seu entorno e se satisfaçam com desejos imediatistas, de tal forma que os sujeitos abandonem o espírito de coletividade.

Com Paulo Freire (1987) temos as constatações que muitas vezes as pessoas possuem consciência das situações de opressão as quais são submetidas, mas que não sabem como utilizar o direito à voz que possuem. Assim, adquiriram a consciência de que sua humanidade está gradativamente sendo roubada e, enquanto docente, penso ser importante mostrar possibilidades de retomada da própria humanidade.

Desde os anos 1970 é possível encontrar registros acerca de entendimentos internacionais sobre a importância juvenil no interior da estrutura social e política como instrumento a ser utilizado na manutenção da ordem vigente. A Organização das Nações Unidas vislumbrava a força jovem como um objeto a ser inserido nas teias sociais, contribuindo assim, com o funcionamento e perpetuação das regras sociais já constituídas (GOULART, SANTOS, 2014).

Goulart e Santos (2014) desenvolvem a terminologia do protagonismo juvenil e estabelecem relação com o teatro, em que o protagonista atua em um cenário já concebido, pronto e acabado com outros atores. Dentro desse contexto estabelecem negociações em busca dos próprios interesses pessoais. Conforme os autores, essas buscas e negociações retirariam os jovens das discussões políticas e fariam com que eles se dedicassem em ações alienantes do modo de vida capitalista, visando a própria sobrevivência.

No trabalho de Goulart e Santos (2014) encontramos informações de que essas práticas resultam na criação de um jovem preocupado em ser

empreendedor de si mesmo, buscando sua colocação no mercado de trabalho e ser reconhecido como humano. Isso seria o protagonismo juvenil sob o olhar neoliberal, ou seja, a inserção do jovem que vem a contribuir com a realidade como está construída. Dessa forma, compreendemos na crítica dos autores que ser protagonista e atuar na sociedade não representa ser um cidadão consciente e crítico, pronto para contestar e mudar a realidade social, ele apenas se adequa as necessidades momentâneas.

Castro (2009) constrói sua pesquisa realizando uma discussão bibliográfica das relações existentes entre a juventude e socialização política. No desenvolvimento do seu texto, a autora apresenta que os jovens vêm se distanciando da política em virtude de acreditarem que ela pertence ao mundo dos adultos. Conforme a autora, diversos apontamentos bibliográficos defendem que a juventude deve participar da atividade política seguindo as regras que já se encontram postas na sociedade.

As questões da socialização política e juventude começaram a ganhar força a partir dos anos 1960na literatura acadêmica. Os primeiros trabalhos faziam referência sobre a importância da política se apropriar dos jovens para favorecer a manutenção da ordem vigente, pois, o jovem é o futuro adulto que deve zelar pela manutenção da ordem. Assim, como Castro (2009), também compreendemos que o olhar que se tinha sobre a juventude era de total passividade as regras criadas e tal contexto não deve ser perpetuado.

Quando analisa as produções bibliográficas mais recentes sobre a socialização, política e juventude, Castro (2009) nos apresenta que existem trabalhos preocupados em incentivar a participação juvenil a partir de uma educação democrática, onde possam exercitar a sua cidadania e refletir sobre as questões políticas que conduzirão sua inserção social. Mediante o apresentado, a autora afirma que a escola possa vir a se tornar um local de aprendizado em que os jovens possam exercitar livremente as relações sociais e sua aproximação com a política nas tomadas de decisões e mudanças do contexto em que estão inseridos.

Oliveira e Oliveira (2017) constroem uma análise do protagonismo

juvenil a partir das ocupações nas escolas paulistas e goianas no final de 2015 e início de 2016. O estudo foi realizado por meio de reportagens de jornais feitas na época, com os jovens que se envolveram diretamente nesses eventos, tendo sido constatado que eles se encontravam descontentes com as tomadas de decisões por parte das políticas públicas para com o futuro das escolas estaduais em seus respectivos estados.

No caso paulista, os jovens estavam insatisfeitos com uma ação do governo do PSDB que tinha a intencionalidade de fechar muitas escolas, principalmente, as noturnas que não apresentavam índices satisfatórios nas avaliações externas. Essas avaliações externas possuem metas quantitativas de ranquear as escolas, indicando quais são as melhores e as piores.

Oliveira e Oliveira (2017) ainda trazem as discussões de Foucalt acerca do poder e do saber poder, implícitos nesse contexto, em que são realizadas as denúncias acerca do poder e da dominação, colocados nesta problemática social.

A partir da presente reflexão, entendemos ser de extrema importância mostrar ao cenário brasileiro que existem práticas pedagógicas fundamentadas no conhecimento de si e do contexto que se vive, que podem devolver ao jovem os rumos da própria história.

REFERÊNCIAS

CASTRO, L. R. Juventude e Socialização Política: Atualizando o Debate. **Psic**: Teoria e pesquisa, Brasilia, DF, 2009, vol.25, PP. 479-487.

FOUCALT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, RJ, GRAAL, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa, São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GOULART, M. V. S.; SANTOS, N. I. S. Protagonismo Juvenil e capital humano: uma análise da participação política da juventude no Brasil. **Ciências Sociais,** UNISINOS, 01, Janeiro 2014, Vol.50, pp.127-136.

OLIVEIRA, M. B.; OLIVEIRA, E. F. A. Demandas e Protagonismo Juvenil: Políticas Curriculares no Ensino Médio. **Revista Holos**, ano 33, volume 03, 2017.